

A LUDICIDADE E A EDUCAÇÃO INFANTIL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

MUNIZ, Roberta de Jesus¹

CARVALHO, Elizete Pereira das Neves

SANTOS, Lícia Bezerra dos

ALMEIDA, Larissa Monique de Souza²

RESUMO

Esse trabalho é um relato de experiência adquirida e vivenciada no período de regência no estágio supervisionado na Educação Infantil, realizado na Creche Municipal “Raio de Luz”, situada no município de Guanambi-Ba, em uma turma do 3º período. Por isso, o olhar foi direcionado para o desenvolvimento de atividades realizadas com crianças de 2 a 3 anos de idade. Utilizou-se como embasamento teórico a interlocução entre as ideias complementadas em: Ariès (1978), Oliveira (2007), Luckesi (2014) Pimentel (2008) Craidy e Kaercher (2001) entre outros. Nessa direção, desenvolvemos um projeto didático com o tema “A literatura infantil numa conexão com as brincadeiras: momento de interação e aprendizagem”. O qual buscou trazer para o âmbito escolar atividades lúdicas, por meio de brincadeiras e contação de histórias. Neste relato, temos o interesse de socializar os saberes obtidos nesse processo de aprendizagem e os desafios que enfrentamos para fugir das perspectivas tradicionais em sala de aula e para colocar em prática nosso projeto. Para tanto, a metodologia esteve pautada numa perspectiva dialógica, com a observação participante. As nossas conclusões apontam para a importância das atividades lúdicas e significativas para as crianças. Pois, sabe-se que esses sujeitos também aprendem de forma descontraída e fora da sala de aula. No qual o contato com materiais diferenciados e de certo modo simples, pode proporcionar a criança um momento de aprendizado, além de desenvolver a sua coordenação motora, sensorial e afetiva. Vale ressaltar, que a criança necessita de momentos de cuidados, de aprendizagens e de liberdade para se desenvolverem da melhor forma possível.

Palavras- chave: Ludicidade, Educação e Aprendizagem

INTRODUÇÃO

¹ Graduandas em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia- Departamento de Educação Campus XII robertamuniz_gpa@hotmail.com zetepdi@hotmail.com licia.snb@gmail.com

² Professora na Universidade do Estado da Bahia- Departamento de Educação Campus XII e orientadora do trabalho.

Este relato é fruto das experiências obtidas no período de observação do estágio em educação infantil, componente curricular do curso de Pedagogia, ministrado pelas docentes M^a de Fátima e Sandra Alves.

O mesmo tem por objetivo, descrever as aprendizagens e as experiências vivenciadas durante o período de regência, que teve como tema: “A literatura infantil numa conexão com as brincadeiras: momento de interação e aprendizagem”.

Posto isso, estudos mostram a grande importância do lúdico na vida do ser humano para o seu desenvolvimento pleno, autores como Grandó (2000, p.16) afirmam que “as atividades lúdicas são inerentes ao ser humano. Cada grupo étnico apresenta sua forma particular de ludicidade, sendo que o jogo se apresenta como um objeto cultural”. Dessa forma, segundo a autora o processo de desenvolver o lúdico é algo natural do homem e que pode ser vivenciada de maneira diversa a depender dos estímulos que são recebidos de forma direta ou indireta.

No entanto, Luckesi (2014) enfatiza que a ludicidade não está presente apenas em atividades lúdicas ou jogos. Segundo ele, ludicidade representa um estado pleno de envolvimento de uma pessoa em determinada experiência que esteja executando. Nesse sentido o autor declara que nem sempre uma pessoa em um jogo ou atividade lúdica esteja vivenciando a ludicidade.

Isso pode ser compreendido na afirmação de Luckesi

Ludicidade é um estado interno, que pode advir das mais simples às mais complexas atividades e experiências humanas. Não necessariamente a ludicidade provém do entretenimento ou das “brincadeiras”. Pode advir de qualquer atividade que faça os nossos olhos brilharem. (LUCKESI, 2004, P.6)

Dessa maneira, compreendemos que na Educação Infantil é um espaço importante para que as experiências lúdicas sejam experimentadas. Por isso, após a nossa observação na Creche Raio de Luz percebemos este espaço como ideal para proporcionar as crianças lá atendidas momentos em que se sintam plenas.

Assim, mesmo ao concordarmos com Luckesi sobre a ludicidade está além do jogo e de atividades lúdicas, entendemos que estes instrumentos podem abrir “pontes de apoios” para que o estar pleno seja experimentado.

Alguns estudiosos como Pimentel (2008, p.1) declaram que “A necessidade do Homem em desenvolver as atividades lúdicas, ou seja, atividades cujo fim seja o prazer que a própria atividade pode oferecer, determina a criação de diferentes jogos e brincadeiras.”

Com isso acreditamos no potencial do ato de brincar com uma possibilidade para o desenvolvimento da aprendizagem e outras áreas essenciais ao ser humano, pois como Pimentel (2008, p. 1) afirma,

Os jogos, as brincadeiras, enfim, as atividades lúdicas exercem um papel fundamental para o desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e moral das crianças, representando um momento que necessita ser valorizado nas atividades infantis.

Portanto, acreditamos na ludicidade plena através do ato de brincar e que este pode proporcionar e desenvolver aprendizagem, a moral, social e a afetividade da criança como declara Pimentel.

Assim, a aprendizagem na educação infantil, requer maior atenção do professor, pois este, deve despertar na criança o seu lado imaginário, proporcionando momentos de interação e que estimule na criança a curiosidade.

Nesse sentido Craidy e Kaercher colocam que,

Todos os momentos, sejam eles desenvolvidos nos espaços abertos ou fechados, deverão permitir experiências múltiplas, que estimulem a criatividade, a experimentação, a imaginação, que desenvolvam as distintas linguagens expressivas e possibilitem a interação com outras pessoas. (CRAIDY e KAERCHER 2001, P. 68).

Logo, o educador deve pensar em ambientes que proporcione momentos de interação, que estimule e desperte na criança o interesse pelas atividades realizadas auxiliando desse modo o processo de ensino aprendizagem.

Seguindo esse pensamento, a educação infantil requer uma ação educativa, que estimule a criança a trilhar seu próprio caminho, para que assim possam adquirir autonomia no processo de aprendizagem. Uma vez que o educador deve pensar em atividades que traga sentido para a vida dessas crianças, para que assim possam interagir e socializar os conhecimentos adquiridos.

Nesse sentido, o professor deve refletir sobre a sua prática pedagógica para que ele não seja tradicionalista, com aulas monótonas que não desperte interesse algum da criança na realização das atividades. Ele deve ser inovador, um ser pesquisador, que não se contente como básico e sim buscar o essencial para a aprendizagem da criança.

Nesse sentido Freire traz uma contribuição de extrema relevância, que traz em seu conteúdo que professor qualquer um pode ser, mas professor educador só aquele que é em sua essência. Pois, não se pode mediar um conhecimento qualquer, a qualquer hora. Ele, precisa ter a convicção que ele é um formador de opiniões, um ser ativo de

transformações, e portanto ser crítico e reflexivo, ou seja criticar e refletir sobre sua própria prática, pois é sua metodologia é que vai interferir na aprendizagem da criança.

Portanto, o professor da Educação infantil, impreterivelmente deve ser aquele que investiga e se dedica as demandas exclusivamente voltadas para o desenvolvimento de acordo com cada fase da criança.

A ESCOLA E A TURMA OBSERVADA

A Creche Municipal “Raio de Luz”, instituição escolhida para a realização do estágio, encontra-se localizada no município de Guanambi-Ba. As observações foram realizadas entre os dias quatro e quinze do mês de abril, no turno vespertino das 13h00min às 17h00min. Na turma do 3ª período que possui vinte e quatro alunos.

Como analisado, a creche Raio de Luz, também possui sua rotina como qualquer outra instituição de educação infantil. Percebemos durante o período de observação que a rotina da creche no turno vespertino é a seguinte: as crianças dormem do meio dia às catorze horas. Após acordarem vão ao banheiro lavar as mãos, trocar as fraldas (os que usam), entre outras necessidades. Ao retornarem para as salas mais ou menos às catorze horas e vinte minutos, as crianças recebem o lanche que geralmente é uma fruta. Após o momento do lanche observamos que houve dias em que foram realizadas atividades pinturas, identificação de números, enrolar bolinhas de papel crepom para colar na atividade impressa, boliche, entre outras atividades que trabalham a coordenação motora de modo geral, o lado sensorial e afetivo das crianças. Além disso, teve também dias em que as crianças ficaram em círculos assistindo vídeos educativos.

Por volta das quinze horas, as crianças são encaminhadas para o pátio. Conforme observado, esse momento é livre para eles brincarem sem a intervenção dos professores. Visto que as brincadeiras, assim como a liberdade são de extrema importância para essa fase da vida.

Nessa perspectiva, Oliveira ressalta que

“A brincadeira favorece o equilíbrio afetivo da criança e contribui para o processo de apropriação de signos sociais. Cria condições para uma transformação significativa, da consciência infantil, por exigir das crianças formas mais complexa de desenvolvimento com o mundo”. (OLIVEIRA,2007)

Como visto, a autora traz as vantagens das brincadeiras na evolução das crianças. O momento de brincarem, se interagirem e ter um contato com objetos fora da sala de aula como pula- pula, pneus, escorregadores ou até mesmo a terra, propicia uma

grande aprendizagem. Assim como ajuda a se descobrirem e desenvolverem suas habilidades.

Após um determinado tempo no parque, as crianças tomam banho e retomam para as salas. Neste momento é trabalhado com brinquedos pedagógicos como massinhas ou quadrinhos de amontar até a hora do lanche, por volta das quinze horas e quarenta minutos. Depois deste momento, as crianças brincam livremente na sala até os pais irem buscá-las.

Vale ressaltar, que a criança necessita de momentos de cuidados, de aprendizagens e de liberdade para se desenvolverem da melhor forma possível. E nós, futuras pedagogas, devemos sempre levar em consideração as limitações de cada criança, como seu tempo. Assim, como entender a infância como a “melhor fase da vida”, permeada pela ingenuidade, definida por Phillippe Ariès como a inexistência e a desvalorização infantil.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.
- CRAIDY, Carmem Maria. KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. **Educação infantil: pra que te quero?/** organizado por Carmem Maria Craidy e Gládis Elise P. da Silva Kaercher. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3 ed. São Paulo: Moraes, 1980.
- LUCKESI, Cipriano Carlos Estados de consciência e atividades lúdicas, in Bernadete de Souza Porto (Org.), *Educação e Ludicidade – Ensaios 3*, GEPEL/FACED/UFBA, 2004
- OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007. (Coleção Docência em Formação).